



GEOGRAFIA CULTURAL¹

■ CARL O. SAUER

NO SÉCULO PASSADO OS GEÓGRAFOS ABANDONARAM UMA TRADIÇÃO DE CONHECIMENTO DE CARÁTER ENCICLOPÉDICO, NO QUAL MANIFESTAVAM PREFERÊNCIAS APENAS EM FUNÇÃO DO INTERESSE PESSOAL E TRABALHAVAM NAQUILO QUE QUISESSEM INVESTIGAR. AS TENDÊNCIAS CIENTÍFICAS DA ÉPOCA DERAM LUGAR A CRÍTICAS EXTERNAS E A PRESSÕES INTERNAS DE TAL FORMA QUE UMA VASTA LITERATURA METODOLÓGICA FOI COLOCANDO EM EVIDÊNCIA O PROCESSO DE DESDOBRAMENTO NO ÂMBITO DE UM DOMÍNIO RECONHECÍVEL. OS PRIMEIROS VOLUMES DE GEOGRAPHISCHE JAHRBÜCHER (GOTHA, 1866. ———), EM ESPECIAL OS ARTIGOS DE HERMANN WAGNER, TRATAM EM GRANDE PARTE DE TEMAS SOBRE OBJETO E MÉTODO. A EPISTEMOLOGIA MAIS COMPLETA É A DE ALFRED HETTNER. NESTAS CONTROVÉRSIAS NÃO SE ALCANÇOU A UNIDADE INDISPENSÁVEL E, ATÉ O MOMENTO, EXISTEM CAMPOS IRRECONCILIÁVEIS. POR ESTE MOTIVO, DEVE-SE CONTINUAR PERGUNTANDO O QUE É A GEOGRAFIA, JÁ QUE A RESPOSTA DETERMINA AS PREMISSAS SOB AS QUAIS OS DADOS DEVEM SER REUNIDOS.

A aproximação à geografia se dá de diversas formas e com diversas finalidades. De um lado, existe o objetivo de limitar-se ao estudo de uma relação causal particular entre o homem e a natureza; de outro, o esforço se dirige em definir o material de observação. Essa divisão foi aumentando em suas dimensões ano após ano e ameaça levar à formação de um fosso através do qual é impossível manter uma unidade de interesses. A situação data dos primórdios da geografia moderna, mas tem se intensificado sobretudo no século atual. O primeiro grupo mantém seu interesse preferencial pelo homem: quer dizer, pela relação do homem com seu meio, habitualmente no sentido de adaptação do homem ao meio físico. O segundo grupo, se é que se aceita dividir os geógrafos mediante meras classificações, dirige sua atenção para aqueles elementos da cultura material que conferem caráter específico à área. Para simplificar, chamaremos a primeira postura de geografia humana e a segunda de geografia cultural. A denominação é usual, todavia não é exclusiva.

A APROXIMAÇÃO
À GEOGRAFIA SE DÁ
DE DIVERSAS
FORMAS E COM
DIVERSAS
FINALIDADES. DE
UM LADO, EXISTE
O OBJETIVO DE
LIMITAR-SE AO
ESTUDO DE UMA
RELAÇÃO CAUSAL
PARTICULAR ENTRE
O HOMEM E A
NATUREZA; DE
OUTRO, O
ESFORÇO SE
DIRIGE EM DEFINIR
O MATERIAL DE
OBSERVAÇÃO

(¹) Original em "Cultural Geography." Encyclopedia of the Social Sciences, volume VI, New York, Mac Millan, 1931, p. 621-623. Reproduzido em Wagner, P.L. e Mikesell, M. W. (organizadores) . "Readings in Cultural Geography", Chicago, The University of Chicago Press, 1962. Tradução: Susana Mara Miranda Pacheco.

Carl Ritter, que ocupou a primeira cátedra acadêmica de geografia, deu ênfase às condições físicas da atividade humana. A tese de que a civilização se ajusta ao meio é evidentemente muito antiga, porém recebeu especial atenção desde o racionalismo do século XIX e encontrou porta-vozes competentes em Herder, Montesquieu e, mais tarde, em Buckle.

A postura de Ritter foi duramente atacada por Froebel e Peschel, que a taxaram de impressionista e não científica. Inclusive em meados do século passado existiu uma literatura polêmica relativa ao meio físico como campo do estudo geográfico.

Friedrich Ratzel em sua *Antropogeographie* edificou a base conceitual na qual se tem estruturado desde então a Geografia Humana em seu sentido restrito, um conjunto de categorias do meio físico - ordenadas a partir de conceitos abstratos de posição e espaço até os de clima e litoral - e sua influência sobre o homem. Apenas com este trabalho ele se converteu em o grande apóstolo do ambientalismo e seus seguidores desconsideraram em muito os seus estudos culturais posteriores, nos quais se referia à mobilidade populacional, às condições de assentamento humano e à difusão da cultura através das vias principais de comunicação. O efeito das categorias ambientalistas de Ratzel não foi considerável em seu próprio país; na França, foi suavizado pela substituição feita por

APARENTEMENTE RATZEL
NÃO CONSIDERAVA SUA
ANTROPOGEOGRAPHIE MAIS
QUE UM ESTÍMULO E UMA
INTRODUÇÃO A UMA
GEOGRAFIA HUMANA QUE
DEVIA FUNDAMENTAR-SE
EM UM ESTUDO DA
CULTURA

Vidal de la Blache do determinismo original pelo "possibilismo". Na Inglaterra e nos Estados Unidos, porém, o estudo do meio físico como objeto da Geografia se converteu em sinal de identidade quase exclusivo do geógrafo. Aparentemente Ratzel não considerava sua *Antropogeographie* mais que um estímulo e uma introdução a uma geo-

grafia humana que devia fundamentar-se em um estudo da cultura. Enquanto os antropólogos utilizaram amplamente suas análises de difusão da cultura, os geógrafos ocidentais consideraram Ratzel somente como um ambientalista. Nos Estados Unidos, os *Annals of the Association of American Geographers* (publicados desde 1911) mostram o rápido desenvolvimento da geografia humana. Até agora o ponto culminante deste movimento foi o discurso, em 1923, de H. H. Barrows como presidente da Association of American Geographers, que defende claramente a elaboração de uma disciplina baseada exclusivamente na adaptação do homem ao meio². Este ponto de vista tem predominado nos países de língua inglesa, mas a diferença de objetivos da comunidade continental de geógrafos leva a que ambos os grupos ignorem mutuamente seus trabalhos.

A reação à postura ambientalista na Geografia não se baseia na negação da importância do estudo do meio, mas simplesmente nas seguin-

⁽²⁾ Trata-se de "Geography as Human Ecology". *Annals of the Association of American Geographers*, 13(1), 1923 (nota do Conselho Editorial).

tes causas metodológicas: 1) nenhum campo científico se expressa através de uma relação causal particular; 2) a investigação ambientalista carece de fatos como objetos de estudo, na medida em que não há seleção de fenômenos mas somente de relações, e uma ciência que não tem categorias de objetos de estudo só pode ter, nas palavras de Hettner, uma "existência parasitária"; 3) nem tampouco se salva com um método que possa reclamar como próprio; 4) é difícil escapar das argumentações falaciosas devido ao êxito obtido, aparentemente ou pelo menos mais facilmente, na demonstração da adaptação ao meio. Teoricamente a última objeção é a menos séria; na prática tem ocorrido exatamente assim, como demonstra a quantidade de argumentações pouco consistentes, no sentido de que certas instituições são o resultado de determinadas condições ambientais. Deste ponto de vista aqueles estudiosos que menos se têm inquietado por adquirir conhecimentos são os que conseguiram os maiores êxitos aparentes. A polêmica contra a concepção da geografia como estudo das relações com o meio tem recebido suas mais fortes contribuições por parte de Schlüter, Michotte e Febvre.

A outra escola continua a tradição principal da disciplina. Por conseguinte, não pretende representar uma nova ciência, mas apenas atualizar as idéias tradicionais. Não é antropocêntrica, mas tem demonstrado em determinados momentos tendências excessivas em sentido contrário. A geografia cultural é apenas um ca-

pítulo da geografia no seu sentido amplo e sempre o último capítulo. A linha de sucessão vai de Alexander von Humboldt a Oskar Peschel e de Ferdinand von Richthofen até aos atuais geógrafos do continente europeu. Parte de uma descrição das características da superfície ter-

restre para chegar, mediante uma análise de sua gênese, a uma classificação comparada das regiões. Desde Richthofen é costume utilizar também o termo "corologia", ciência

das regiões. Durante a segunda metade do século passado o trabalho realizado foi essencialmente físico ou geomorfológico, não porque a maior parte dos geógrafos pensasse que o estudo da gênese das formas físicas do relevo esgotava o campo, mas porque se considerava necessário desenvolver primeiro uma disciplina à qual se incorporasse depois a diferenciação física da superfície terrestre. Os geógrafos dispõem agora de um método capaz de determinar a origem e o agrupamento das áreas físicas e como se identificam as sucessivas etapas de seu desenvolvimento. Os processos têm sido identificados, as medidas da intensidade e duração da sua atividade têm sido determinadas assim como está avançada a classificação das formas de relevo em conjuntos que constituem áreas unitárias comparáveis segundo um ponto de vista genético.

O último agente que modifica a superfície da terra é o homem. O homem deve ser considerado diretamente como um agente geomorfológico, já que vem alterando cada vez mais as condições de denudação e de colmatação da

O ÚLTIMO AGENTE QUE MODIFICA A SUPERFÍCIE DA TERRA É O HOMEM

superfície da terra, e muitos erros têm ocorrido na geografia física por esta não ter reconhecido suficientemente que os principais processos de modelagem da terra não podem ser inferidos com segurança com base nos processos atualmente vigentes a partir da ocupação do homem. Na realidade os tipos de fatos que Brunhes³ qualificou de "fatos de ocupação destrutiva", tais como a erosão do solo, constituem expressões literais da geomorfose humana. Toda a questão dos cada vez mais restritos limites de subsistência que o homem enfrenta em muitas partes do mundo, além do tema do grande número de situações humanas nas quais a subsistência deve ser dividida, corresponde diretamente ao homem como agente modificador. Os geógrafos físicos mais radicais se vêem, inclusive, forçados, neste sentido, a examinar a atividade humana.

Nunca se produziu, no entanto, nenhuma tentativa séria de eliminar as atividades do homem do estudo geográfico. Os alemães têm repetido durante muito tempo uma frase: "a transformação da paisagem natural em paisagem cultural"; expressão que proporciona um programa de trabalho satisfatório no qual o conjunto das formas culturais em uma área merece a mesma atenção que o das formas físicas. Toda geografia é, com propriedade e segundo este ponto de vista, geografia física, não porque o trabalho humano esteja condicionado pelo meio, mas porque o homem,

por si mesmo, é objeto indireto da investigação geográfica, confere expressão física à área com suas moradias, seu lugar de trabalho, mercados, campos e vias de comunicação. A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas. Camille Vallaux considera que o objeto da investigação é a transformação das paisagens naturais e sua substituição por paisagens inteiramente novas ou profundamente mo-

dificadas. Considera as novas paisagens criadas pelas obras humanas como modificadoras, em maior ou menor grau, das paisagens naturais e estima que o grau de sua transformação constitui a verdadeira medida do poder das sociedades humanas. Neste sentido, chega à conclusão de que os fatos

físicos se expressam através de dois tipos de modalidades: as que limitam e as que ajudam aos esforços do grupo. A busca contínua pelo significado do meio natural não implica nenhuma obrigação de ressaltar a importância do mesmo. Os fatos da área cultural devem ser explicados por qualquer causa que tenha contribuído para criá-los e nenhum tipo de causalidade tem preferência sobre outro.

Este método de aproximação é totalmente adequado para o geógrafo. Ele está acostuma-

A GEOGRAFIA CULTURAL
SE INTERESSA, PORTANTO,
PELAS OBRAS HUMANAS
QUE SE INSCREVEM NA
SUPERFÍCIE TERRESTRE E
IMPRIMEM UMA EXPRESSÃO
CARACTERÍSTICA

⁽³⁾ Sauer refere-se à obra "La Géographie Humaine", de Jean Brunhes, publicada em 3 volumes entre 1910 e 1925 pela Presses Universitaires de France, Paris (nota do Conselho Editorial).

do a considerar a gênese das áreas físicas, razão pela qual pode estender o mesmo tipo de observações à área cultural, que tem uma configuração mais simples e mais exata que a área de cultura do antropólogo. A área cultural do geógrafo consiste unicamente nas expressões do aproveitamento humano da terra, o conjunto cultural que registra a medida integral do uso humano da superfície ou, seguindo Schülter, as marcas visíveis, realmente extensivas e expressivas da presença do homem. O geógrafo mapeia a distribuição destas marcas, agrupa-as em associações genéticas, descreve-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais. A experiência da investigação geomorfológica fornece a técnica necessária de observação e uma base para avaliar as modalidades apontadas por Vallaux. Uma geografia deste tipo é, portanto, ciência de observação que utiliza a habilidade na observação de campo e na representação cartográfica e, no entanto, é também geográfica tanto nos seus métodos como em seus objetivos.

O desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. O trabalho mais rigoroso realizado até a presente data se refere menos às áreas culturais atuais do que às anteriores, já que estas constituem o fundamento do presente e sua combinação fornece a única base de uma visão dinâmica da área cultural. Se a geografia cultural, engendrada pela geomorfologia, tem um atributo fixo, este é precisamente a orientação evolucionista do tema. Um lema do tipo "a Geografia é a His-

tória do presente" carece de significado. Introduce-se, portanto, necessariamente, um método adicional, o especificamente histórico, com o qual se utilizam os dados históricos disponíveis, via de regra diretamente no campo, para a reconstrução das condições anteriores de povoamento, do uso do solo e de comunicação, quer se trate de testemunhos escritos como de testemunhos arqueológicos ou filológicos.

O nome de *Siedlungskunde* foi dado pelas alemães a este tipo de estudos históricos e foi especialmente difundido por Robert Gradman, editor de *Forschungen zur deutschen Landes- und Volkskunde*, e por Otto Schlüter. Uma ampla visão desses estudos e dos problemas foi fornecida pelo primeiro em "Arbeitsweise der Siedlungsgeographie". August Meitzen conferiu grande impulso aos estudos agrários ao destacar a extraordinária persistência do sistema de parcelamento da terra (Flurformen) e dos planos de aldeias e povoados com relíquias culturais. Mesmo que muitas das suas conclusões estejam desatualizadas, a inércia das formas de propriedade tem demonstrado ser de inestimável ajuda para a determinação das condições herdadas. Enquanto que muito se tem conseguido na reconstrução das áreas culturais rurais, a anatomia e a filogenia da cidade como estrutura geográfica estão menos avançadas até a presente data. Até o momento se tem realizado numerosos estudos pioneiros, em particular procedentes da França e Suécia. No entanto, ainda não apareceram generalizações importantes, mas as técnicas de análises estão surgindo.

Também está se realizando um desenvolvimento logicamente integrado da geografia eco-

nômica como parte do programa de geografia cultural. A localização da produção e da indústria já não é o principal objetivo como ocorria na geografia econômica corrente, que estabelecia as distribuições dos produtos comerciais e os analisava. A localização passa a ser um instrumento para a síntese, não um objetivo em si mesmo. A geografia econômica que se está fazendo não é outra senão a geografia cultural levada até o momento atu-

al, já que a área cultural é essencialmente econômica e sua estrutura é determinada tanto pelo crescimento histórico como pelos recursos naturais. A este respeito o mérito de pioneiro cabe a Eduard Hahn⁴ que rompeu com as fases culturais meramente especulativas de coleta, nomadismo, agricultura e indústria e estabeleceu um conjunto de formas associativas econômicas, das quais o sistema de cultivo com arado tornou-se o mais conhecido. Também refutou uma sucessão geral de fases culturais e demonstrou o caráter tardio do nomadismo como forma cultural.

A geografia cultural implica, portanto, um programa que está integrado com o objetivo geral da geografia, isto é, um entendimento da diferenciação da Terra em áreas. Continua sen-

SEU MÉTODO É
EVOLUTIVO,
ESPECIFICAMENTE
HISTÓRICO ATÉ ONDE A
DOCUMENTAÇÃO
PERMITE E, POR
CONSEQUENTE, TRATA
DE DETERMINAR AS
SUCESSÕES DE CULTURA
QUE OCORRERAM
NUMA ÁREA

do em grande parte observação direta de campo baseada na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na geografia física. Seu método é evolutivo, especificamente histórico até onde a documentação permite e, por conseguinte, trata de determinar as sucessões de cultura que ocorreram numa área. Conseqüentemente, a geografia histórica e geografia econômica se fundem numa só disciplina, interes-

sando-se a segunda pela áreas culturais presentes que procedem das anteriores. Não reivindica uma filosofia social como faz a geografia do meio físico, mas direciona seus principais problemas metodológicos para a estrutura da área. Seus objetivos imediatos são dados pela descrição explicativa dos fatos de ocupação da área considerada. Os problemas principais da geografia cultural consistirão no descobrimento do conteúdo e significado dos agregados geográficos que reconhecemos de forma imprecisa como áreas culturais, em estabelecer quais são as etapas normais de seu desenvolvimento, em investigar as fases de apogeu e de decadência e, desta forma, alcançar um conhecimento mais preciso da relação da cultura e dos recursos que são postos a sua disposição .

⁽⁴⁾ Trata-se do texto "Die Wirtschaftsformen der Erde", publicado em Petermanns Mitteilungen, 38, 1892, p. 8-12 (nota do Conselho Editorial)

NOTA BIBLIOGRÁFICA ORGANIZADA PELO

CONSELHO EDITORIAL _____

(A) BIBLIOGRAFIA BÁSICA DE CARL ORTWIN SAUER

- 1 - The Morphology of Landscape. In J. Leighly (org.), *Land and Life - A Selection From the Writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley, The University of California Press, 1963 (original de 1925).
- 2 - Recent Developments in Cultural Geography. In E.C. Hayes (org.) *Recent Developments in the Social Sciences*. New York, Lippincott, 1927.
- 3 - Foreword to Historical Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 31(1)1941.
- 4 - The Education of a Geographer. *Annals of the Association of American Geographers*, 46(3), 1956.
- 5 - The Agency of Man on the Earth. In: W.L. Thomas Jr. (org.) . *Man's Role in Changing the Face of the*

Earth. Chicago, The University of Chicago Press, 1956.

- 6 - *Seeds, Spades, Hearths and Herds. The Domestication of Animals and Foodstuffs*. Cambridge, The MIT Press, 1969.
- 7 - Em "Land and Life- A Selection From the Writings of Carl Ortwin Sauer" (referência 1 acima) encontram-se numerosas e importantes artigos de Sauer.

(B) BIBLIOGRAFIA BÁSICA SOBRE CARL ORTWIN SAUER

- 1 - Jonh Leighly - Carl Ortwin Sauer, 1889-1975. *Annals of the Association of American Geographers*, 66(3), 1976.
- 2 - James Parsons - Carl Ortwin Sauer, 1889-1975. *The Geographical Review*, 66(1), 1976.
- 3 - Michael Williams - The Apple of My Eyes : Carl Sauer and Historical Geography. *Journal of Historical Geography*, 9(1), 1983.
- 4 - Martin S. Kenzer (org.) - *Carl O. Sauer - A Tribute*. Corvallis, Oregon State University Press, 1987.